



Uma Enunciação Sem Comunicação: As Tatuagens Escriturais¹

(*An utterance without communication: the scriptural tattoos*)

Marie-Anne Paveau*

Resumo

As tatuagens escriturais parecem tornar amplamente aceitáveis a idéia de que o corpo humano é um suporte para a produção do discurso na forma tradicional da comunicação indexical, que é, a existência de dois falantes, uma forma lingüística e sua interpretação. De fato, a enunciação tatuada é muito peculiar e sustenta, mais exatamente, o forte argumento a favor da forma não-comunicativa da enunciação: os falantes estão desconectados e até mesmo ausentes da enunciação; eles estão, em sua maioria, no tempo anônimo; os textos estão algumas vezes escondidos e por isso estabelecem sentenças indizíveis. Conseqüentemente, a enunciação da teoria standard deve ser revisitada e alguém propor outras hipóteses, tal qual a biosubjetividade e o bioreferencialismo.

Palavras-chave: ambiente cognitivo, indexicalidade, enunciação não comunicacional, referencialismo, tatuagens escritas.

Abstract

Scriptural tattoos seem to give credence to the idea that the human body is a support for discourse production in the traditional way of indexical communication, that is, the existence of two speakers, a linguistic form and its interpretation. In effect, tattooed enunciation is a very peculiar one and provides, rather, strong arguments in favor of a noncommunicative type of enunciation: speakers are disconnected and even absent from interaction; they are also most of the time anonymous; texts are sometimes hidden and therefore set up unspeakable sentences. Consequently the standard enunciation theory must be revisited and one has to propose other hypotheses, such as biosubjectivity and bioreferentialism.

¹ Este artigo adota as retificações ortográficas propostas no *Journal officiel* de 6/12/1990.

* Professora de Lingüística na Universidade de Paris 13, membro do Cenel (Centro de Estudo de Novos Espaços Literários), a pesquisadora desenvolve trabalhos articulando discurso, contexto e cognição social. Dentre os temas de predileção estão os contextos e dados culturais, o corpo, os objetos e os ambientes cognitivos, normas éticas e lingüísticas, filosofia do discurso. Também desenvolve pesquisas sobre história e epistemologia das ciências da linguagem. Em destaque está a formulação da noção de pré-discurso (*Les prédiscours. Sens, mémoire, cognition*, Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 2006). Université Paris 13 UFR LSHS 99 av J-B. Clément 93430 Villetaneuse. E-mail : ma.paveau@orange.fr

Keywords: cognitive environment, indexicality, noncommunicative enunciation, referentialism, scriptural tattoos.

Le renouvellement des corps d'exemples n'est pas toujours dû à des renouvellements théoriques (il peut y avoir des raisons purement idéologiques qui tiennent au contenu qu'expriment aussi les exemples). Mais les changements théoriques profonds s'accompagnent souvent du changement des exemples. Cela se voit particulièrement lorsqu'il y a une extension du champ des phénomènes que l'on prend en compte.

S. Auroux, *La Raison, le langage et les normes*

[A renovação dos corpos de exemplos nem sempre ocorre em decorrência das renovações teóricas (ela pode ter razões puramente ideológicas que sustentam o conteúdo, que exprimem também os exemplos). Mas as mudanças teóricas profundas são acompanhadas com frequência pela mudança de exemplos. Isso se vê particularmente quando há uma extensão do campo dos fenômenos que se leva em conta.]

Mon tatouage sur le poignet, c'est un symbole bouddhiste, je l'ai fait pour moi, c'est pour pouvoir le regarder quand je dessine et que je fais de la calligraphie. Celui sur la poitrine, c'est pour pouvoir le voir dans le miroir.

Jean-François, vendedor da livraria *Mona Lisait*, julho de 2008.

[Minha tatuagem no pulso é um símbolo budista, eu a fiz para mim, para poder olhá-la quando eu desenho e faço a caligrafia. A do peito é para poder vê-la no espelho.]

INTRODUÇÃO

As tatuagens foram até hoje, nas ciências humanas e sociais, objetos da antropologia ou da filosofia (LE BRETON, 1992, 2002, 2003; ANDRIEU, 2003, 2004a e b), da arqueologia (RENAUT, 2004), da psicanálise (ANZIEU, 1985; TENENHAUS, 1995) ou da medicina (LACASSAGNE, 1881; GILBERT, 1970; TAGNAOUTI, 1979). Mas ainda não foram examinadas sob o ponto de vista discursivo ou textual, que as aborda seja a partir da literatura, da lingüística, gráfica ou semiótica. Começamos justamente a considerar as tatuagens (escritas ou desenhadas) como escrituras corporais, grafemas na pele que constituem ao mesmo tempo um discurso do corpo e um discurso sobre o corpo, o que

tenho chamado de corpografese² (PAVEAU, 2006, 2007a). Falar de escritura não implica em princípio somente a produção de enunciados, mas também sua recepção e sua leitura, como um circuito completo de produção linguageira dotado de todos os parâmetros habituais de enunciação, mesmo se eles não são “clássicos”: a tatuagem escrita faz, com efeito, do corpo um suporte de discurso no qual tudo leva a crer que ele possua, como todo discurso, um produtor, um receptor, uma forma e uma interpretação. Mas a natureza do suporte e dos conteúdos tatuados confunde consideravelmente o circuito habitual da produção discursiva, o que torna a enunciação tatuada extremamente específica, por duas razões.

Primeiramente, ela redistribui os papéis da enunciação linguageira, dado que ela opera um rompimento enunciativo do par locutor-inter-locutor e dos parâmetros espacial e temporal mesmo em uma versão renovada da teoria enunciativa (como a abordagem em termos de co-enunciação), no qual ela é móvel e eventualmente clandestina (tatuagens escondidas) e no qual ela mobiliza um contexto mais amplo que aquele da simples interação.

Em seguida, e correlativamente ao que precede, a enunciação tatuada interroga a teoria da enunciação, dois de seus fundamentos: primeiro o sujeito da enunciação que, bem longe de ser a instância benvenistiana individual e compreendida na teoria *standard*, se constitui mais de seu anonimato, de sua divisão e de difrações de suas inscrições; e em seguida o receptor ou enunciatário, que supõe “receber” o enunciado e construir o sentido por essa mesma recepção.

Inicialmente, eu proporei uma tipologia das corpografeses, da palavra ao texto, constituindo uma primeira descrição do escrito tatuado a partir de um corpus heterogêneo e internacional (séculos XIX e XX; tatuagens européias e americanas³). Antes, porém, faço algumas observações em relação a esse corpus: o estado atual dessa proto-pesquisa sobre os escritos corporais, é ,ainda, exploratório e foi constituído por sondagens: eu examinei, na literatura publicada sobre as tatuagens, entre o fim do século XIX, período em que o

² N.T.: Conforme a autora, corpografese é um neologismo forjado a partir de *homographesis*, de Lee Edelman, ele mesmo um neologismo para dizer a escritura do homossexual, que Pierre Zoberman tem traduzido por *homographèse*. A corpografese é um neologismo forjado para nomear a escritura do corpo.

³ H. Tenenhaus observa que as tatuagens “escriturais” representam aproximadamente um terço das tatuagens examinadas em sua investigação sobre adolescentes (TENENHAUS, 1993: 166). Os escritos são, com efeito, mais numerosos nas tatuagens que não aparecem na primeira abordagem, muitas, dentre elas, são verbo-icônicas.

interesse pelo fenômeno apareceu, em particular, a partir das reflexões de Lacassagne e Lombroso sobre as marcas dos criminosos e, fim do século XX, no qual a prática da tatuagem se democratizou; o máximo de publicações ilustradas integrando tatuagens escritas ou mistas (verbo-icônicas), mencionadas no texto ou que aparecem em fotos ou desenhos. Eu igualmente explorei, a partir de uma instigante pesquisa, os sites da Internet atualmente consagrados às tatuagens assim como os bancos de imagens digitais, e selecionei, quando existiam, as páginas de fotografias referentes às tatuagens escritas. Resultou desta pesquisa documental um conjunto empírico de aproximadamente 300 itens, a partir do qual eu estabeleci uma tipologia sumária que serve de base para a “pequena gramática” que segue abaixo; esta última permite construir um corpus sobre o conjunto empírico, pois ela fornece observáveis lingüísticos. Eu me debruçarei em seguida sobre as práticas enunciativas nas quais se sobressaem as tatuagens escritas e sobre a maneira pela qual elas vão mexer com a teoria sistematizada da enunciação, o que me levará a uma reflexão sobre o contexto da produção linguageira, sobre o qual fenômenos como a tatuagem obrigam a repensar em termos de ambiente cognitivo.

PEQUENA GRAMÁTICA DA ESCRITURA CORPORAL

As escrituras corporais, ou os escritos no corpo de acordo com técnicas variadas (tatuagens, escarificações, inscitos por tonsura etc.) correspondem a uma marcação ao mesmo tempo social, cultural, religiosa, política e pessoal do corpo. Elas pertencem a um conjunto de inscrições corporais, ou corpografias, que se referem a desenhos tatuados, definitivos ou efêmeros, de motivos realizados por tonsura sobre o crânio, de rituais de subtrações corporais (como a circuncisão), de marcações na carne por incisão ou escarificação, ou de modificações da forma do corpo (alongamento do crânio, engordar, emagrecer etc.)⁴. Para D. Le Breton, as inscrições corporais redobram o status social dos indivíduos de um modo legível, em particular nas sociedades primitivas, através de suas três grandes funções: sedução, filiação e separação. Nas sociedades modernas subsistem formas atenuadas dessas marcações, nas quais as tatuagens, que tomam, contudo, uma

⁴ Sobre essas questões, ver LE BRETON, 1992.

notável amplitude há uma dezena de anos: certamente, fenômeno da moda, mas também, eu retomarei, discurso contemporâneo sobre o corpo (ANDRIEU, 2004b e aqui mesmo).

As tatuagens escritas são produções ambíguas, ao mesmo tempo escritura do coletivo sobre o indivíduo (caso de tatuagens ritualísticas ou marcações forçadas) e escritura do indivíduo por/sobre ele mesmo, o todo em uma relação complexa de si com seus exteriores ambientais.

Antes de examinar de mais perto esse complexo enunciativo, eu proponho uma tipologia formal das tatuagens escritas tais como aparecem nos exemplares que constituem meu corpus (ver a lista no fim do artigo). Elas têm algumas características comuns, o que fazem delas uma categoria bastante estável sobre o plano lingüístico:

- são escritas freqüentemente plurisemióticas, os enunciados se articulam com imagens (e vice-versa);
- elas são perfeitamente legíveis, o modo gráfico escolhido, no entanto, manuscrito, assemelha-se mais à caligrafia (como em um monumento ou em um produto manufaturado) do que da escritura cursiva (como em uma folha ou em um caderno de notas);
- salvas exceções notáveis sobre as quais eu retornarei, são formas breves, que se mantêm sobre um espaço tegumentário reduzido.

1.1.INICIAIS, SIGLAS E NÚMEROS

São as formas mais comuns e mais conhecidas, às vezes muito codificadas: no contexto carcerário tradicional, encontramos recorrentemente *MAV* (morte aos policiais⁵, que existe também sob a forma de três pontos em triângulo), *MAT* (morte aos homossexuais), *VG* (vingança), ou, ainda, *BAA* (bom dia aos amigos). A. Lacassagne destaca, em 1881, nesse mesmo contexto, *Mort aux BBT* (morte aos animais brutos) e, acompanhado de uma bandeja, de dois copos e uma garrafa, a inscrição *VLEBV* (viva o amor e o bom vinho). *PLV* (para sempre) acompanhado de um coração cupido é uma tatuagem amorosa comum. O corpus de tatuagens de adolescentes de H. Tenenhaus (1993)

⁵ N. T.: Insulto dirigido a policiais, sua origem é alemã *Wache*, que significa guarda. Em francês utiliza-se a forma *vaches* (vacas) com o mesmo propósito. Nos anos 1890, foi slogan de anarquistas. Ver: <http://www.mon-expression.info/mort-aux-vaches>

propõe igualmente: *TDS* (todas vagabundas), *NS* (nascido para sofrer), *EDM* (criança maldita), *PCQJ* (para aquele que eu amo), *RAM* (fique comigo), ou *FLM* (vá à merda), que não são representadas nos corpus clássicos (LACASSAGNE, DELARUE e GIRAUD, PIERRAT e GUILLON). As iniciais dos seres amados, perdidos ou arrependidos, tatuam abundantemente todas as peles do mundo, com efeitos de correção às vezes cômicos (é o caso de uma mulher, que amava um Paul e passou a amar um Bernard, transformou a inicial *P* tatuada em *B*). Mas a grande difusão atual de tatuagens parece abrir uma série de possibilidades: no site *corposenfolie.fr*, se pode ver a sigla *ADN* (nas costas) e mesmo uma tatuagem *HIV positif* [HIV positivo] no braço. A inicial como marcação de propriedade, muito corrente em uma outra época, era uma prática certamente marginal mas também real, como o mostra um artigo de *Libération*, de julho de 2008, que ressalta, a respeito da detenção de dois gigolôs turco-alemães: “Os irmãos Baran tinham como hábito tatuar suas iniciais no pescoço de suas vítimas” (p.8).

A letra é igualmente um motivo da tatuagem em si: encontramos, com efeito, formas tipográficas, letras, sinais de pontuação, caracteres especiais (&, por exemplo) ou alfabetos inteiros (ill.1), com uma inspiração renovada pelos caracteres informáticos (ver SALTZ, 2006, capítulo 2).

Os números são essencialmente datas: datas de nascimento, data de um acontecimento fundador na vida do tatuado, data de um acontecimento histórico com o qual se sente ligado. Encontramos números da sorte (o *13* em particular, que a atriz americana A. Jolie tem em números romanos no braço) ou com valor erótico como *69*. As tatuagens dos campos nazistas, aplicadas em Auschwitz, a partir de 1941, são matrículas destinadas à triagem de humanos e à contagem de mortos (BAILLETTE, 2003; ASSOULINE, 2005; retorno a isso na segunda parte).

1.2. FORMAS BREVES, DO GRUPO NOMINAL À FRASE

As palavras isoladas constituem uma categoria igualmente recorrente, constituídas essencialmente por substantivos não determinados em torno de sentimentos ou papéis familiares. Os modelos dos anos 1950 (“*classical tattoo signs*”) apresentados na coletânea *1000 tatoos* de H. Schiffmacher (2005) propõem, por exemplo: *Mother, Mom, My boy*,

(*True*) *Love, Liberty* [*Mãe, Mamãe, Meu garoto, (Verdadeiro) Amor, Liberdade*]. As tatuagens de criminosos destacadas por A. Lacassagne e J. Delarue e R. Guiraud apresentam: *Amitié* [*Amizade*], encontramos *passim* no corpus: *Words, Serenity, Recovery, Éclaircissement, Hope, Spes* etc. [*Palavra, Serenidade, Recuperação, Esclarecimento, Esperança, Esperança*]. Os adjetivos são raros: *Insane, Happy* [*Insano, Feliz*]. Os nomes próprios são igualmente candidatos privilegiados pelas tatuagens nominais, sem dúvida por causa de sua forte carga memorial e evocatória: nomes de país, de cidades (que podem corresponder aos clubes esportivos), nomes e sobrenomes⁶, mas também grifes de roupas e de preferência, de roupas esportivas (*Wrangler, Nike, Adidas*).

Encontramos também grupos nominais (*Souvenir d’Afrique*) [*Lembrança da África*], sob forma de frases sem verbos (*Pas de chance, Sans Patrie*) [*Sem sorte, Sem pátria*] ou construções predicativas (*Enfant du Malheur, Martyr de la liberté*) [*Criança Maldita, Mártir da liberdade*]⁷. Os enunciados parêmicos, provérbios, gritos, palavras de ordem ou máximas, fornecem uma reserva inesgotável de inscrições, que A. Lacassagne descreve assim:

Ce sont des sentences, des formules, des proverbes, des dates commémoratives rappellent la date de naissance, de tirage au sort, le numéro de la conscription, le numéro matricule du régiment, la date du tatouage, le jour où il a été condamné. Un homme avait trois inscriptions : c’étaient les dates successives des trois conseils de guerre qui l’avaient condamné. D’autres fois l’inscription semble un cri de colère ou de vengeance : c’est la manifestation évidente d’une nature en révolte contre la société (Lacassagne, 1881: 48).

[São sentenças, fórmulas, provérbios, datas comemorativas lembrando a data de nascimento, escolhidas por acaso, o número referente ao recrutamento, o número de matrícula no regimento, a data da tatuagem, o dia da condenação. Um homem tinha três inscrições: eram as datas sucessivas de três julgamentos de guerra que o tinham condenado. Outras vezes a inscrição parece um grito de cólera ou de vingança: é a manifestação evidente de uma natureza revoltada contra a sociedade (LACASSAGNE, 1881: 48)].

O grito ou a palavra de ordem é, com efeito, um enunciado de predileção para os tatuados; o fundo Lacassagne, conservado na biblioteca municipal de Lyon, contém uma

⁶ J. Delarue e R. Giraud apresentam o caso divertido de uma série de quatro nomes de mulheres tatuadas no braço, no qual dois são barrados (1950: 32). I. Saltz mostra uma tatuagem de homenagem enumerando a lista de astronautas da NASA (2006: 177). O ou a tatuado(a) carrega prazerosamente o nome de seus filhos, mais estável que aquelas de seu ou sua companheiro(a).

⁷ Esses exemplos foram extraídos de LACASSAGNE, 1881.

obra intitulada *Album d'un tatoeur [sic] lyonnais en 1889*, constituído por uma coletânea de desenhos que fornece uma lista de gritos:

- Mort aux femmes infidèles [Morte às mulheres infiéis]
- Mort aux bêtes brutes [Morte aos animais brutos]
- Mort aux tyrans [Morte aos tiranos]
- Mort aux officiers français [Morte aos oficiais franceses]
- Mort aux chaochs [Morte aos meirinhos – oficiais de justiça]
- Mort aux flics [Morte aos policiais]

É necessário mencionar também a famosa palavra de ordem tatuada no braço de Bernadotte, *Mort aux rois [Morte aos Reis]*, tatuada durante a *Convention* e que o coloca num belo embarço no dia em que se tornou rei da Suécia: doente, ele devia descobrir seu braço para fazer uma sangria. Observamos depois esse exemplo em particular, pois a forma palavra de ordem ou grito é contextualmente determinada: J. Delarue e R. Giraud lembram o número de soldados de guerra que tatuam palavras de ordem patrióticas, antimilitares, sentimentais ou amorosas. O contexto parece ser um elemento sobredeterminado pelas tatuagens escritas. Vejamos alguns exemplos de máximas extraídas de Lacassagne, 1881:

- Vit seul, car les amis sont morts [Vivo só, porque os amigos estão mortos]
- La vie n'est que déception [A vida é apenas decepção]
- Plutôt la mort que de changer [Prefiro a morte do que mudar]
- Amis des frères à la côte [Amigos da Confraria de marinheiros]

- Malheur aux vaincus [Desgraça aos vencidos]
- Mon bras aux amis [Meu braço pelos amigos]
- La liberté ou la mort [Liberdade ou morte]
- Au bout du fossé la culbute [No fim do fosso a ruína]
- Haine et mépris aux faux amis [Ódio e desprezo aos falsos amigos]

O “dicionário analítico” de J. Delarue e R. Giraud (capítulo IV: 23-43) propõe uma lista análoga, 70 anos depois:

- Le bégain se paie [O afeto se paga]
- Vers celle qui m’entretiendra [Em direção aquela que cuidará de mim]
- L’amitié unit les coeurs [A amizade une os corações]
- Ami du contraire [Amigo do contra]
- La vie d’un homme [A vida de um homem]
- Justice n’est qu’un vain mot [Justiça é apenas uma palavra vã]
- Amour trahi demande vengeance [Amor traído pede vingança]
- Oeil pour oeil, dent pour dent! [Olho por olho, dente por dente]
- Cent pour cent [Cem por cento]
- Ni Dieu ni maître [Nem Deus, nem soberano]
- Pensez à moi [Pense em mim]
- Gloire aux femmes [Glória às mulheres!]
- Vive l’amour! [Viva o amor!]

- À ma poule, ma femme, ma Gaby, celle que j'aime etc. [Para minha querida, minha mulher, minha Gaby, aquela que eu amo etc.]

Os sites da Internet e os bancos de imagens nos permitem ter uma idéia da máxima moderna tatuada:

- Only God can defeat me [Só Deus pode me derrotar] (nas costas, <http://gallery.tattoo.com>)
- A prayer for the wild at heart, kept in cages [Uma prece pelos rebeldes de coração, enjaulados] (tatuagem de A. Jolie, <http://gallery.tattoo.com>)
- Just do it [Simplesmente faça] (com o símbolo da marca Nike, *Keith*, 2007: 10)
- Straight edge⁸ (no alto das costas, *Keith*, 2007: 23)

Em <http://www.corpsenfolie.com/>:

- Hasta la muerte [Até à morte] (costas)
- Juger sans connaître [Julgar sem conhecer] (costas)
- Only God can judge me [Só Deus pode me julgar] (costas)
- Je l'aime, beaucoup, passionnément, à la folie [Eu o amo, muito, apaixonadamente, loucamente (no pé de uma mulher, abaixo de uma flor tatuada na perna)
- Vivre libre ou mourir [Viver livre ou morrer] (braço)
- Emprisonné dans la vie/Libre dans l'esprit [Preso na vida/Livre no espírito] (braço)

⁸ N. T.: Trata-se de uma espécie de movimento vegan/veggie[vegetariano]/anti-drogas e tabaco dentro do movimento punk. Preferimos manter o termo em inglês, pois é o nome próprio do movimento.

- Main cé Haïtien et main fiè de ça [Eu sou haitiano e me orgulho disso] (no peito, em crioulo haitiano, acompanhada de um mapa do Haiti)

A tatuagem normalmente é verbo-icônica ou verbo-corporal (tatuada sobre uma parte do corpo que contribui para o sentido de conjunto). Sempre no corpus do “Meio” podemos sublinhar:

Tatuagens verbo-icônicas

- Ouvre l' [dessin d'un oeil] fais gaffe [Abra [desenho de um olho] fique atento]
- Je suis [dessin d'un cochon] au lit [Eu sou [desenho de um porco] na cama]
- À la vie, à la mort! [À vida, à morte!] (acompanhada de duas mãos segurando um punhal)]
- Une [dessin d'une pensée] à ma mère ou Mes [pensées dessinées] à ma mère [Um (desenho de um pensamento) para minha mãe ou Meus (pensamentos desenhados) para minha mãe (J. Delarue e R. Giraud mostram, prancheta 29, um tatuado com o alinhamento de vários pensamentos ocupando toda a largura das costas)]
- Comme lui, j'ai souffert [Como você, eu sofri] (abaixo um Cristo crucificado)

Tatuagens verbo-corporais

- À découper selon le pointillé [Para cortar de acordo com o pontilhado] (no pescoço)
- Robinet d'amour [Caminho do amor] (baixo-ventre)
- Au bonheur des dames [Felicidade para as mulheres] (baixo-ventre)
- Buvette des sous-offs [Bar dos sub-oficiais] (baixo-ventre)
- Debout là-dedans! [Levanta!] (baixo-ventre)

- Only for ladies *ou* Nur für Damen [Só para mulheres] (baixo-ventre)
- Tout pour toi! [Tudo por você!] (no pênis)

A palavra de ordem no meio carcerário ou militar tomou formas contemporâneas: a atriz Angelina Jolie tem tatuado *Know Your Rights* [Conheça seus direitos] no alto das costas (uma de suas doze tatuagens), e as palavras de ordem políticas constituem um dos dez capítulos de *Body Types*, a obra de I. Saltz sobre as tatuagens escritas nos Estados Unidos. *Born Free* [Nascido livre] desenhou um jovem sobre cada um de seus dedos da mão; *Equal Rights* [Direitos iguais], tem um outro na parte posterior do braço que, detido por engano, tatuou a expressão para poder em uma próxima vez virar as costas aos policiais muito zelosos; *It is our duty to fight for freedom* [É nosso dever lutar pela liberdade], pode-se ler no pescoço de outro.

Mas os tatuados não param nas palavras de ordem e tatuam frases inteiras, que às vezes constituem pequenas narrativas. No fundo Lacassagne, encontramos desenhos de diversas tatuagens e a ficha descritiva das tatuagens de Legrand, estudante de 22 anos, em 1888. Ele tem uma tatuagem de três linhas na região lombar: “Le passé m’a trompé, le présent me tourmente et l’avenir m’épouvante” [O passado me enganou, o presente atormenta e o futuro me inquieta] (referência F 61-70). O doutor Le Blond, que revela, em 1899, tatuagens de prostitutas, relaciona os escritos frásticos e às vezes narrativos como o indicam os tempos utilizados: uma certa Victorine, “operária de 18 anos”, leva no braço esquerdo *j’aime/Alfred Georges/pour la vie* [eu amo/Alfred Georges/para sempre], com dois corações, duas pombinhas e flores (p. 40-1); lemos no braço direito de uma outra *j’aime julot pour la vie* [eu amo julot para sempre] (p. 52). Uma terceira desenhou *J’aime/mon petit homme/Aimée/P.L.V* [Eu amo/ meu homenzinho/ Amada/ P.L.V] (seguido de duas espadas em V), e abaixo, *A.D.*, iniciais do sucessor. A frase pode se transformar em uma pequena narrativa: *J’aime /Charles pronier/Celui qui m’auras apres/ Lui seras une tente et une/Coquine* [Eu amo [Dois corações e pombinhas]/ Charles pronier/Aquele que me terá depois/ Ele será uma tentação e uma travessura] (p. 67).

1.3.TEXTOS LITERÁRIOS: TRECHOS ESCOLHIDOS

Enfim, são, às vezes, textos inteiros, a maioria de tempos literários, que alguns tatuados preferem. Uma tatuadora da *Dragon Tattoo*, na rua do rei da Sicília em Paris, me conta que ela chega a passar duas sessões de 6 horas para escrever sobre os braços e sobre as costas de um homem o *incipit* de um romance de Kafka. O primeiro capítulo da obra *Body Types*, intitulado “Literature, poetry and lyrics”, mostra um excerto de *Ulysses* de Joyce, o início do monólogo de Hamlet (ill.2), uma passagem de *O Inferno de Dante*, citações célebres de F. Herbert (*Fear is the mind killer* [O medo é o assassino da mente], em *Dune*) ou de J.R.R. Tolkien (*Not all who wander are lost* [Nem todos os que vagueiam estão perdidos]), trechos de S. Plath, F. O’Hara, W. Stevens, E. Pound, ou ainda o célebre *excipit* do *Tratato lógico-filosófico* de L. Wittgenstein (*Wovon man nickt sprechen kann, dariibar muss man schweigen* [Sobre o que não se pode falar, deve se calar]). Também encontramos orações como o “Pai Nosso” em inglês tatuado num pergaminho, no peito de um homem, em 1950 (SECHIFFMACHER, 2005: 204), e ainda, a “Oração da Serenidade” extraída do programa das doze etapas dos Alcoólicos Anônimos. (SALTZ, 2006: 152). Eu citarei para finalizar o gênero particular da “poesia do gulag” – o termo gulag refere-se ao campo de trabalho forçado – assim apresentado por F. Baillette:

Édouard Kouznetsov, qui fut deporté dans les bagnes de Russie, mentionne ainsi l’inscription «sur la partie faciale» (front, menton, joues, cou) de tatouages qualifiés par les autorités disciplinaires de « cyniquement » ou « insolentement antisoviétiques », pire « à contenu antisoviétique diffamatoire », comme : *Esclave du PCUS, Du pain et la liberté* ou encore *À bas le Buchenwald des soviets !, Mort aux tyrans et aux tyranneaux !* Il se souvient tout particulièrement de l’impertinence d’un petit quatrain tatoué sur la joue d’un compagnon d’infortune :

« *Khrouchtchevm, je ne le crains pas*

J’épouserai sa Fourtséva

Pour peloter les roberts

*Les plus marxistes de la terre*⁹ »

[Édouard Kouznetsov, que fora deportado para as prisões da Rússia, menciona assim a inscrição “sobre a parte facial” (testa, queixo, face, pescoço) de tatuagens qualificadas pelas autoridades disciplinares de “cinicamente” ou “insolentemente antisoviética”, pior “com conteúdo antisoviético difamatório”, como: *Escravo do PCUS, Pão e Liberdade*, ou ainda, *Abaixo ao Buchenvald dos soviéticos, Morte aos tiranos e às tiranas!* Ele se lembra particularmente da impertinência de uma pequena estrofe tatuada na face de um companheiro de infortúnio:

“Khrouchtcher, eu não o temo
Eu me casarei com sua Fourtséva
Para acariciar os roberts
Os mais marxistas da terra”]

Notamos tatuadores e tatuados explorando diversas possibilidades languageiras escritas no limite quantitativo do espaço corporal dedicado à inscrição. As formas enunciativas e escriturais, bem criativas, estão limitadas porque são prescritas pelo suporte corporal e o tipo particular de enunciação em questão: sem texto longo, evidentemente, poucas exclamações, sem diálogos. É necessário agora questionar como funciona, sobre o plano enunciativo, essa escrita particular.

2. A ENUNCIÇÃO NÃO COMUNICACIONAL DOS ESCRITOS TATUADOS

As coordenadas teóricas e epistemológicas da noção de enunciação pouco mudaram depois dos trabalhos de E. Benveniste entre 1950 e 1970, mesmo se modificações importantes algumas vezes foram produzidas para definições e para descrições dos fenômenos enunciativos. Com efeito, a enunciação é sempre enviesada pela maioria dos lingüistas a partir de uma situação de comunicação que coloca em jogo instâncias locutórias e parâmetros espaço-temporais. É a situação *princeps* apresentada por E. Benveniste, em “Estrutura das relações de pessoa no verbo” de 1946, “A natureza dos pronomes”, em 1956 e “O aparelho formal da enunciação” de 1970 (BENVENISTE, 1966 e 1974), situação

⁹ Édouard Kouznetsov, 1974, *Journal d'un condamné à mort*, Paris, Gallimard, “Témoins”, [1ª edição, sob o título *Dnevnik* em 1973 aos Editores Réunis], p. 196-200.

reconduzida por pesquisadores como O. Ducrot e A. Culioli, que têm, porém, consideravelmente retrabalhado os dados do início. Esta concepção *standard* é marcada por dois traços constantes, o binarismo e o antropocentrismo.

2.1. BINARISMO E ANTROPOCENTRISMO DA TEORIA ENUNCIATIVA STANDARD

As instâncias enunciativas são, com efeito, enviesadas de maneira binária, um (ou vários) locutor(es) se relacionam, explícita ou implicitamente, com uma marcação lingüística na superfície (dêíticos) ou em profundidade (um enunciado não marcado é considerado marcado em “estrutura profunda”) com um (ou vários) interlocutor(es), em um quadro dialogal ou polidialógico. A noção de coenunciação introduzida por F. Jacques (1985) e explorada lingüisticamente por A. Culioli (1990-1999) permite certamente ver as coisas de modo mais circular que binário, propondo um *continuum* entre os dois agentes: os enunciados sendo produzidos, a partir de representações e de recepções antecipadas do interlocutor, a enunciação tornando-se então mais uma negociação do que uma emissão de signos. Mas no quadro binário locutor/interlocutor permanece a referência. Os trabalhos atualmente numerosos e considerados canônicos que se inspiram no dialogismo de Bakhtine reforçam esta visão, introduzindo o dialógico e, portanto, uma ancoragem comunicacional em todos os enunciados, mesmo nos mais monológicos e nos mais desprovidos de marcas enunciativas. Os partidários da indexicalidade generalizada de práticas languageiras (pragmáticos, interacionistas, em particular, conversacionalistas) mantêm firmemente a ancoragem interacional de todo enunciado, mesmo não marcado (ver sobre esse ponto SCHEGLOFF, 1992, e a síntese de KEBRAT-ORECHIONI, 2006). Nesta perspectiva, o contexto é construído pelos participantes da interação, ele é, em certa medida, interno à interação, constituído do que lhe parece pertinente para a construção e interpretação dos enunciados. Parece, portanto, que a visão doxa é interacional ou ao menos dialógica e que a idéia de um enunciado depreendido da relação comunicacional binária é heterodoxa.

São os trabalhos sobre a enunciação literária, que sem dúvida, têm mais fortemente modificado a teoria *standard*, propondo essa alternativa heterodoxa para a “linha comunicacional” (Philippe, 2004: p. 4): a obra d’A. Banfield, *Phrases sans parole*, surgiu

em 1982 sob o título *Unspeakable Sentences*), traduzida para o francês em 1995, defende, com efeito, a idéia que na ausência de marcas enunciativas, não há razão de postular uma situação de comunicação. Suas análises concernem essencialmente à figura do narrador, mas elas são possíveis, a meu ver, a propósito do locutor-receptor. Sobre um outro corpus (o discurso científico), P. Ouellet propõe em 1984 a noção de “(des)enunciação” a fim de dar conta da característica instável dos enunciados científicos¹⁰. A noção é em seguida retransmitida por aquela do “apagamento enunciativo” proposto R. Vion (VION, 2001) depois retrabalhada, entre outros, por A. Rabatel (por exemplo, RABATEL, 2004). Essas duas posições remetem em causa, cada uma a sua maneira, ao princípio da indexicalidade generalizada e permitem olhar a enunciação diferentemente, fora do dispositivo binário. É a primeira que reterá, sobretudo, meu interesse, a segunda apresentando a ausência de marcas enunciativas como uma estratégia linguageira ou argumentativa de superfície (portanto, uma espécie de ficção enunciativa¹¹) e não retornando finalmente sobre a existência incontestada de duas instâncias locutórias, enunciador e enunciatário.

Os parâmetros espaço-temporais foram igualmente retrabalhados: sabemos atualmente que as produções verbais circulam de maneira não linear e complexa através de um número de filtros contextuais antes de atingir seu alvo, que permanece, no entanto, irredutivelmente e binariamente neste outro da interlocução. Mas as descrições do contexto, esse elemento necessário a toda interpretação de enunciados na perspectiva comunicacional, são, geralmente, antropocêntricos, no sentido de que elas privilegiam os dados humanos não materiais como cultura, dados sociológicos, históricos, em resumo, todo um mundo representacional que faz pouco de casos de realidades materiais. Os pesquisadores que trabalham sobre a dimensão corporal, em si, e não como simples “contexto” da interação verbal, modificam essa concepção introduzindo o material

¹⁰ É necessário, no entanto, destacar que para P. Ouellet, a (des)enunciação dos textos científicos é somente de superfície, o dispositivo interacional é conservado, como podemos esperar de 1984, época em que triunfa a teoria do enunciado reativado pelas traduções de Bakhtine em francês: “No discurso científico, a maioria, senão a totalidade, de pressuposições ou de proto-enunciados transformados remetem a uma instância subjetiva e agentiva, animada e antropomórfica, nas quais, as múltiplas transformações de ‘relações primitivas’ estruturam os estados de fatos em ‘relações predicativas’ constitutivas do enunciado contribuindo para mascarar, esconder, apagar” (OUELLET, 1984: 44).

¹¹ Para R. Vion, o apagamento enunciativo é uma “estratégia”, não necessariamente consciente, permitindo ao locutor *dar a impressão* que se retira da enunciação, que “objetiviza” seu discurso “apagando” não só as marcas mais evidentes de sua presença (os indicadores da enunciação), mas igualmente a marcação de toda fonte enunciativa identificável” (VION, 2001: 334; grifos meus).

biológico raramente semiotizado, como o mostra aqui mesmo H. de Chanay, que defende “uma abordagem comunicativa própria” do corpo. Eu considero que o conjunto do ambiente, quer seja ele humano ou não, desempenha um papel nas produções verbais e que o corpo certamente mas também os objetos naturais ou artificiais, os lugares geográficos e seus elementos naturais constituem contribuintes cognitivos para a produção verbal dos humanos (PAVEAU, 2006, 2007b). De fato, a enunciação aparece como um fenômeno não mais binário, mas distribuído, no sentido cognitivo do termo: o enunciado circula no ambiente através dos agentes psíquicos que contribuem para a produção do sentido¹².

O corpus de tatuagens é, na minha opinião, uma boa ilustração empírica dos limites da concepção binária e antropocêntrica da enunciação e permite propor uma abordagem renovada do contexto em termo de ambiente e de distribuição.

2.2. A ENUNCIÇÃO TATUADA: CONFIGURAÇÕES ENUNCIATIVAS HETERODOXAS

Eu não contestarei que, como toda a produção verbal, a tatuagem possa ser lida, quaisquer que sejam o modo de leitura e de leitor. Como o ressalta S.-A. Lamer: “Le tatouage et le perçage se situent dans l’ordre du signe, ce qui les place dans une perspective plus large du sens et des valeurs. La visibilité de ce signe l’inscrit d’emblée dans le domaine relationnel” [A tatuagem e a perfuração se situam na ordem do signo, o que os coloca em uma perspectiva mais ampla do sentido e dos valores. A visibilidade desse signo o inscreve diretamente no domínio de relacional] (1995: 152). Está bem no sistema relacional, sobre um modo particular o que descreve bem F. Baillette (2003: 62):

Toute inscription corporelle a effectivement pour finalité d’être un jour consultée ou questionnée. La marque produit du sens, elle interpelle, désigne, énonce et dénonce. Aussi, qu’elle soit publique ou secrète, mise en évidence ou discrète, la trace déposée doit pouvoir être vue ou simplement entraperçue (voire fantasmée).

¹² Eu faço referência aqui aos estudos da cognição distribuída, uma das subcorrentes da cognição social americana, alternativa para a cognição internalista tradicional, na qual um dos promotores é E. Hutchins. Em um trabalho célebre sobre a elaboração da informação a bordo de um avião, ele mostra que a informação não é *trocada* entre os dois indivíduos e os comandos, mas *distribuída* entre os agentes psíquicos humanos (piloto e co-piloto) e não humanos (instrumentos de medida, anotações, listas etc.); ver HUTCHINS, 1994.

[Toda inscrição corporal tem, efetivamente, por finalidade ser um dia consultada ou questionada. A marca produz sentido, ela interpela, designa, enuncia e denuncia. Mesmo que ela seja pública ou secreta, colocada em evidência ou discreta, o traço depositado deve poder ser visto ou simplesmente percebido (ou mesmo imaginado).]

Que as tatuagens escritas sejam legíveis não resta dúvida, algumas delas, eu retomarei, são mesmo marcadas pela dêixis, o que as torna altamente “enunciativas” à maneira *standard*. O que me parece (re)interrogar, como são as modalidades de leitura e de decifragem, que não são muito evidentes para a teoria *standard* da enunciação e a deixa supor, que retiram da função de comunicação sua evidência (sobre este ponto ver a introdução de Banfield, 1995, que faz uma refinada análise crítica do dogma de comunicação nos 1960 e 1970, e os trabalhos de G. Philippe que permitem relativizar o que ele chama de “todo enunciativo”. A tatuagem é, com efeito, lida de maneira particularmente aleatória e não previsível, porque está freqüentemente escondida ou “a esconder”, o que torna sua direção menos indefinida: o interlocutor-leitor das tatuagens escriturais não é reduzido a um “outro” humano tomado em uma interação, mas constitui antes um agente de leitura virtual distribuído no ambiente cognitivo exterior do tatuado. Essa indefinição toca igualmente a instância enunciativa: veremos que a questão do locutor e de sua intenção comunicativa está longe de ser simples no caso da escrituras corporais.

Eu examino aqui sucessivamente três configurações enunciativas que quebram o quadro binário da enunciação *standard* e, em seguida, a configuração particular da tatuagem dissimulada ao tatuado ele mesmo.

2.2.1 ENUNCIADOS PREDICATIVOS EM TERCEIRA PESSOA: AUTOMARCAÇÃO, HETEROMARCAÇÃO

Uma forma muito comum para as tatuagens escritas é o enunciado predicativo em terceira pessoa sem tema explícito: dito de outro modo, uma informação é dada a propósito de uma entidade que não está explicitada, mas a inferimos na situação: o tema parece ser o portador da tatuagem, porque o predicado é sustentado pelo corpo. “Tem-se a impressão”, porque o enunciado não contém marcas indicativas quanto à identificação do suporte da

informação. É muito particularmente o caso das tatuagens identitárias exibidas sobre as partes visíveis do corpo (testa, face, pescoço), braço e ante-braço, mão, pernas, tornozelo, costas. *Enfant du malheur* [Criança maldita], *Mártir militaire* [Mártir Militar], *Esclave du PCUS* [Escravo do PCUS] (tatuagem de gulag, o campo de trabalho forçado), *MS13* (nome de uma gangue hispânica de Los Angeles, descrita por Mohamed Habibi, que publica fotos de tatuagens em seu blog kutub.over-blog.com, na rubrica “Gangues à fleur de peau - Gangues à flor da pele”), mesma denominação das categorizações de si para um procedimento próximo da etiquetagem. Incluiremos igualmente nesta categoria algumas tatuagens de ressignificação¹³: *KKK* sobre a mão de um *GI negro, bitch* [vadia] no quadril de uma mulher (www.fotosearch.fr).

Esta leitura é situacionalmente coerente mas lingüisticamente inverificável: o que me diz o homem que porta a tatuagem *Enfant du malheur* [Criança maldita] ao se autodesignar? O que me diz a testa tatuada com a sigla *MS* acompanhada de um *13* sobre o queixo de um membro de uma gangue? E a mulher que tem *bitch* [vadia] no quadril, o homem que tem *Insane* [Insano] sobre o braço, se autodefinindo mesmo ironicamente? Na falta de marcas languageiras, só podemos responder a essas questões intuitivamente, ou recorrendo a dados não lingüísticos: é muito difícil avaliar a decisão do tatuado e, portanto, sua responsabilidade enunciativa. Se as tatuagens dos prisioneiros e dos militares, motivadas pelo descontentamento e os enunciados contestatórios, parecem bem revelar uma automarcação (no sentido no qual o tatuado pede a inscrição), as tatuagens de afiliação (as das gangues ou de alguns grupos militares restritos como os legionários) são mais duvidosas: como o explica J.-E Lundi a propósito da Legião Estrangeira, as tatuagens resultam de uma violência narcísica, isto é, da imposição de imagens do eu que obedece as instituições e são necessárias para ser reconhecido por elas e pelos outros membros¹⁴. As

¹³ Eu chamo de *ressignificação*, de acordo com J. Butler, o fenômeno que consiste em inverter o uso estigmatizado ou ultrajante de uma denominação para produzir um símbolo identitário: por exemplo, *negro* no contexto da descolonização, *Cães de Guarda* como nome de um grupo feminista, *vagabundas* no “Manifesto de 324 vagabundas” protestando pelo aborto, ou mais recentemente *queer* como designação sexual alternativa à heteronormatividade e de um movimento de pesquisas (sobre a ressignificação também chamada *remeter è cena* [restaging] ver BUTLER [1997]: 38-41).

¹⁴ Esta função da tatuagem é sem dúvida muito próxima daquela que se assume nas sociedades tradicionais, indicando as mudanças de idade e de estado. Só podemos associá-la ao funcionamento do nome próprio nessas sociedades elas mesmas: de fato, o antropônimo se modifica da mesma maneira, mas sobre a decisão de um outro, nunca de si. Tatuagem e nome próprio têm em comum o fato de responder a uma necessidade de

tatuagens materializam portanto este nó imaginário fazendo se aproximar o eu do legionário do ideal da instituição da Legião Estrangeira garantindo o que o médico chama de um “contrato narcísico” (LUNDY, 1989; ill. 3). Guardadas todas as proporções, é um fenômeno análogo que se produz nos casos de tatuagens de submissão, nos casos de contratos sadomasoquistas: o site *jeune-soumise.com* apresenta uma jovem mulher tatuada sob a nádega *Propriété de maitre Nathan* [*Propriedade do mestre Nathan*]. Automarcação, heteromarcação não consentida ou categoria intermediária indecidível?

Entretanto, podemos estar certos da heteromarcação não consentida para as tatuagens aplicadas sobre os vencidos durante algumas guerras, para o registro dos deportados durante a Segunda Guerra Mundial (tatuagens de desidentificação mais que de identidade) e para outras marcas forçadas da qual a prática não desapareceu (ver acima o caso das iniciais dos gigolôs tatuados sobre o pescoço de suas prostitutas)¹⁵.

Em todos esses casos, a tatuagem coloca um problema evidente da presença e da identificação do locutor, que não podemos aproximar, me parece, modificando o quadro teórico da enunciação, e postulando uma natureza não comunicacional de alguns enunciados (ver 2.3).

2.2.2 ENUNCIADOS DÊITICOS EM PRIMEIRA PESSOA

Segunda configuração enunciativa, os enunciados em *eu*, que parecem entrar em um quadro canônico do “discurso” benvenistiano, porque eles apresentam uma *dêixis* pessoal explícita. Eles colocam, todavia, problemas de emissão e de leitura: a quem são eles dirigidos? Qual é seu leitor intérprete? Os exemplos seguintes mostram que é pouco possível de se colocar uma situação de comunicação tradicional, e que a direção deve ser repensada de maneira distribuída, ou seja, sem identificação precisa de um receptor, mas a

etiquetagem (eu agradeço a Guy Achard-Bayle de me ter chamado atenção sobre este ponto, assim como sobre a analogia apresentada na nota 13).

¹⁵ A tese de F. Le Corneq menciona muitas vezes, em mulheres unicamente, tatuagens não consentidas durante o coma, por exemplo. Ela não dá nenhum detalhe, mas esses exemplos mostram, de um lado, que a prática da marcação forçada é ainda efetiva, e não somente nos contextos totalitários ou criminosos e, por outro lado, em consequência, que a questão da origem enunciativa se põe verdadeiramente, e de maneira cruel nestes casos (LE CORNEC, 1984).

imagem, do modelo “bouteille à la mer - garrafa ao mar”, de uma recepção aleatória, múltipla e anônima¹⁶, realizada por todo ambiente:

- Je suis cochon au lit (*passim* dans le corpus) [eu sou um porco na cama (*passim* no corpus)]
- J’ai amié j’ai souffert maintenant je hais (DELAURE, GIRAUD, 1950, planche 15 avec dessins de têtes de femmes et scènes de baisers) [Eu amei eu sofri agora eu odeio (prancheta 15 com desenhos de cabeça de mulheres e cenas de beijo)]
- J’ai souri j’ai souffert (à base du cou, Pierrat, Guillon, 2004: 53) [Eu sorri eu sofri (à base do pescoço, Pierrat, Guillon, 2004: 53)]
- Mon revê est de revoir ma mère (sur le dos, Pierrat, Guillon 2004: 96) [Meu sonho é rever minha mãe (sobre as costas, PIERRAT, GUILLON, 2004: 96)]
- Ma haine aux gradés (Tagnaouti 1979) [Meu ódio aos soldados (TAGNAOUTI, 1979)]
- Marine, je suis venu à toi sans te connaître, je te servirai sans t’aimer, je te quitterai sans regret (Tagnaouti 1979) [Marinha, eu cheguei a ti sem te conhecer, eu te servi sem te amar, eu te abandonei sem pesar (TAGNAOUTI, 1979)]
- La Marine sera mon tombeau (Tagnaouti 1979) [A marinha será minha tumba (TAGNAOUTI, 1979)]
- Je remercie mes maitres communistes pour cette jeunesse heureuse [Eu agradeço a meus mestres comunistas por esta juventude feliz (tatuagem de campo de trabalho forçado, *passim* no corpus)]

¹⁶ Este tipo de recepção é igualmente, guardadas todas as proporções, aquela do texto literário, segundo P. Ricoeur, por exemplo, para o qual a literatura é o equivalente de uma “*Umwelt*”, isto é, um conjunto de todas as projeções possíveis para qualquer um sobre o texto literário. O receptor seria então uma virtualidade, o que muito se afasta do modelo enunciativo normatizado.

- Le passé m'a trompé, le présent me tourmente et l'avenir m'épouvante (fonds Lacassange) [O passado me enganou, o presente me atormenta e o futuro me inquieta (fundo Lacassange)]

A recepção desses enunciados depende do efeito do ambiente cognitivo: o leitor virtual deve se referir aos conhecimentos da memória e da cultura para construir quase *ex nihilo* o contexto que o permitirá a interpretação do enunciado. Nesta construção, os elementos materiais exercem um papel importante: corpos biológicos tatuados mostrando outras marcas corporais eventuais, vestimentas, ambiente geográfico etc. É nisto que o enunciado tatuado mobiliza um ambiente cognitivo: os dados contextuais resultam da cognição dos agentes que fazem apelo ao conjunto dos dados materiais e imateriais pertinentes para a leitura do enunciado.

2.2.3 EMISSÕES EM SEGUNDA PESSOA

Último dispositivo em funcionamento no corpus: os enunciados em segunda pessoa, que apresentam, portanto, uma direção explícita e que parece implicar naturalmente uma interpretação comunicacional. Mais ainda, o dispositivo enunciativo é ampliado porque o “receptor” não existe no quadro de uma situação comunicacional inexistente, mas permanece virtual. Podemos dizer que ele é dado no ambiente, materializado assim que o olhar, no sentido de instância socialmente construída, qualquer que seja, o capte. Não estamos em uma situação de interação, na medida em que uma relação verbal com o outro não está estabelecida. Só permanece a produção de uma emissão da parte do tatuado (eu não encontrei nenhuma tatuagem não admitida em segunda pessoa, o que é notável), emitida não endereçada, se podemos dizer: leia o que passará, compreenda o que poderá, receba o que terá.

As emissões pertencem a categorias muito bem definidas.

Algumas tatuagens em segunda pessoa são claramente apelos ao olhar do outro que estabelecem uma relação visual entre o tatuado e o olhar que o captura:

- Vous qui me regardez, j'ai été une victime de l'armée (bas du dos, Delarue, Giraud 1950: 41) [Você que me olha, eu fui vítima do exército (abaixo das costas, DELARUE, GIRAUD, 1950: 41)]
- Oh! M...! encore un... qui me regarde [bras gauche]; As-tu lous à mettre dans le commerce, oui ou non? [avant-bras gauche] (Delarue, Giraud 1950: 46) [Oh! M...! mais um... que me olha [braço esquerdo]; tens tu uma moeda para gastar no mercado, sim ou não? [antebraço esquerdo] (DELARUE, GIRAUD, 1950: 46)]
- Regard Saint Christophe puis va-t-en rassuré (Schiffmacher 2005: 340) [Veja Saint Christophe (São Cristóvão) depois vá te acalmar (SCHIFFMACHER, 2005: 340)]

Esses enunciados são interessantes na medida em que eles parecem confirmar a hipótese não comunicacional: a tatuagem não introduz a conversação, mas mobiliza o olhar, como uma semiótica não verbal.

Segunda categoria bem notável, aquela dos imperativos, contendo uma subcategoria que podemos chamar de “memento”¹⁷ (dois últimos exemplos):

- Souffre mais tai-toi (Delaure, Giraud 1950, Planche 66) [Sofra mas cale-se (DELAURE, GIRAUD, 1950; PLANCHE, 66)]
- Ouvre [œil dessiné] le bon (Delaure, Giraud 1950, Planche, 67) [Abra-o [olho desenhado] bem (DELAURE, GIRAUD, 1950; PLANCHE, 67)]
- Souffre en silence (ventre, Pierrat, Guillon 2004: 38) [Sofra em silêncio (barriga, PIERRAT, GUILLON, 2004: 38)]

¹⁷ N.T.: Agenda na qual se anota tudo aquilo que não pode ser esquecido.

- Nosce te ipsum (haut du torse, Lautman 1994, p. 53) [Conhece-te a ti mesmo (alto do peito, LAUTMAN, 1994: 53)]
- Stay Calm (Saltz 2006: 167) [Fique calmo (SALTZ, 2006: 167)]
- Stay true (www.matton.fr) [Seja verdadeiro (www.matton.fr)]
- Souviens-toi (milieu du torse avec des chaines. Guillon 2004: 55) [Lembra-te (no meio do peito com correntes GUILLON, 2004: 55)]
- Remember (base du cou Pierrat, Guillon 2004: 60) [Lembre-se (base do pescoço PIERRAT, GUILLON, 2004: 60)]

A questão da emissão se põe aqui de maneira evidente: se faz bem solicitar um enunciatário porque os enunciados contêm uma marca de linguagem explícita (a flexão do verbo em pessoa), absolutamente nada pode dizer qual é a instância designada, que constitui uma forma virtual não contextualizada e, portanto, indefinida. Esses enunciados em segunda pessoa têm um valor pequeno, dependendo mais do saber que da direção, o que é coerente com a falta de coordenadas espaciais e temporais: a tatuagem sendo uma inscrição permanente, mas móvel, não permite a instalação de uma situação de enunciação socialmente determinada. Sua configuração enunciativa é da ordem do imaginário.

2.2.4. OS CASOS DOS ENUNCIADOS OCULTOS

A visibilidade das tatuagens está longe de ser uma evidência, demonstra os tatuadores. Bruno, tatuador em Pigalle (autor de *Tatoués, qui êtes-vous?*), recusa tatuar a face e as mãos (LE CORNEC, 1984: 94). A face tatuada é, nos melhores casos, uma originalidade que só uma estrela como Mike Tyson pode se permitir (tatuagem tribal estilo maori em torno do olho), pior, um “suicídio social”, como apresenta o guia *Tout savoir sur le tatouage* pela equipe do *Tatouage magazine* (p. 75) proposição confirmada pelos tatuadores mais antigos do *tattoo shop* da Alemanha: “Nós não queremos que as pessoas tenham dificuldades em sua vida profissional” (VANDEKERCHOVE, 2005: 69). Uma das

atitudes normativas em relação à tatuagem parece ser uma visibilidade controlada: é preciso poder mostrar quando se deseja.

No *corpus* que eu constituí, a dissimulação corresponde a um dos três dispositivos seguintes:

- as tatuagens são encobertas pelas roupas em situação social e só revelam na nudez ou na(s) zona(s) que com ela se relaciona(m);
- elas são aplicadas ao interior do corpo (meus exemplos concernem à boca);
- elas são distanciadas do olhar mais visível do tatuado e aos olhares exteriores.

A primeira configuração é muito freqüente e corresponde ao discurso de numerosos tatuados. Em sua memória sobre as tatuagens, S. Dupont recolhe testemunhos deste tipo em suas pesquisas, por exemplo, Jean:

Je veux pas qu'il puisse se voir en position, je veux dire, on va dire quand je suis habillé, normalement, en jean T-shirt je veux pas que ça voie

Je veux pas que ce soit quelque chose d'ostentatoire, c'est pour moi que je le fais, c'est pas pour les autres, quoi, euh on va dire c'est pour mon bien-être

[...] le côté quand même un peu ça se voit sans se voir c'est quand même sympa (Dupond 2006)

["Eu não quero ver onde ela se encontra, eu quero dizer, digamos quando eu me visto, normalmente, em jeans T-shirt eu não quero que isso se veja/Eu não quero que isso seja alguma coisa que se ostenta, é para mim que eu a fiz, não é para os outros, que euh vamos dizer é para meu bem estar/[...] a parte assim mesmo que um pouco isso se veja sem se ver é assim mesmo simpática (DUPOND, 2006)]

E de fato, quadris, nádegas, peito ou barriga são zonas comuns de tatuagem.

A segunda configuração é a mais rara, meu corpus só inclui três tatuagens no interior do corpo: ela se refere às pessoas que têm respectivamente as palavras *alien*, *pork!* e *pony* sobre parte interna do lábio inferior, no sentido da leitura de um olhar exterior (coletado em SALTZ, 2006: 80, 81 e 101). A portadora de *alien* explica: “It’s an unseen place, and represents a feeling of separateness, of not belonging [“É um lugar que não vemos nunca, e isso representa um sentimento de separação, de despertencimento.”].” O segundo é cozinheiro em um restaurante de empresa e ele explica sua tattoo *pork!* por uma relação com seu trabalho, reencontrando a velha tradição da tatuagem profissional. A terceira é de uma cantora de ópera: “I’m an opera singer so I couldn’t have a tattoo in a compromising place. My nickname is Pony; it is the name of my former band; also my dad is a horse trainer, and inside the lip is where you tattoo horses to ID them. [“Eu sou uma cantora de ópera e eu não poderia, portanto, ter uma tatuagem em um lugar comprometedor. Meu sobrenome é Pony; é o nome do grupo ao qual eu pertencço; e depois meu pai é treinador de cavalos e é no interior do lábio que nós tatuamos os cavalos para identificá-los.”]” (SALTZ, 2006: 101; ill. 4).

Esses três casos são muito difíceis de interpretar no plano enunciativo, mesmo com a interessante explicação zoocentrista de Pony, mas parece confirmar a natureza não comunicacional da escrita tatuada.

A terceira configuração também surpreende no plano enunciativo: as tatuagens não visíveis para os tatuados. Estas são essencialmente marcas inscritas nas costas, nádegas ou atrás das costas. Citaremos entre mil as tatuagens de M. Materazzi (o que insultou Z. Zidane na Copa do Mundo de 2006), que tem seu nome e o de sua esposa ao longo da coluna vertebral (MATCH, 2006: 47), a da jovem mulher que ostenta *Poison free* no alto das costas, em homenagem a sua saída da toxicomania (SALTZ, 2006: 151, capítulo 8 sobre os “Belief systems”) ou ainda este *Only God can judge me* (com uma variante latina *Deus solut me judicat* em SALTZ, 2006: 133), que deixa o lingüista enunciativo um pouco perplexo. Com efeito, como interpretar o fato de que o portador de uma inscrição não possa ler (salvo em um espelho e, portanto, ao contrário)? Isto conduz a uma primeira resposta: o enunciador da inscrição não é seu portador, resposta que só pode ser feita, todavia, se a teoria *standard* prevê que o enunciador possa ser seu próprio enunciatário. Dito de outro

modo: na teoria *standard*, o enunciador tem acesso ao enunciado que ele produz? Não me parece que esse seja o ponto abordado na literatura sobre a questão, portanto, podemos supor que ele pode ter acesso ou não. Assim, não há razão para postular uma distinção entre o portador da tatuagem e seu enunciador, o que conduz ainda um pouco d'água ao moinho heterodoxo: se o enunciador não pode ler o enunciado que ele produz, então, a função da comunicação do enunciado em questão é mais que duvidosa e uma situação de interação muito pouco visível. É preciso talvez ver as coisas de outro modo, e descrever o enunciado como uma distribuição das informações elaboradas no ambiente cognitivo e não “contidas” em uma mensagem.

Eu aposto na verificação da síntese que reúne os dados enunciativos “heterodoxos” recolhidos ao longo do trabalho.

2.3 ELEMENTOS NÃO SISTEMATIZADOS DA TEORIA ENUNCIATIVA: ENUNCIÇÃO DISTRIBUTIVA E AMBIENTE COGNITIVO

No *La Raison, le langage et les normes*, S. Aurox assinala que, em lingüística, uma evolução ou uma modificação dos exemplos é o índice de uma mudança de teoria (AUROUX, 1998: 192; passagem em excerto do artigo). Eu penso que as tatuagens têm esse papel na teoria da enunciação. As tatuagens escriturais constituem, com efeito, um conjunto de enunciados dos quais as características implicam uma posição anti-indexical quanto a alguns tipos de escritos, e que permitem defender, seguindo A. Banfield, a idéia de que a linguagem não é sempre comunicacional: alguns enunciados, nos quais as tatuagens, não exercem nos dispositivos sistematizados que fundam toda enunciação uma interação comunicacional explícita ou implícita, de superfície ou de maneira primitiva. Dizer não é necessariamente dizer *a* alguém, isto pode ser dito e nada mais, dizer para si ou simplesmente exprimir, marcar ou formular sua experiência, instalar uma relação com o real. Minha posição implica correlativamente, veremos, defender algum referencialismo.

2.3.1 A FUNÇÃO “BIO” DA CORPOGRAFESE(1): AUTOBIOGRAFIA

Eu demonstrei que a situação enunciativa da tatuagem não correspondia ao dispositivo canônico proveniente das proposições de É. Benveniste e renovadas pelos lingüistas interacionalistas e dialogistas: falta de marca indexical nos enunciados (enunciados em terceira pessoa), falta de enunciatário identificável (enunciados em segunda pessoa) e algumas vezes mesmo falta de enunciador, nos casos de enunciados não acessíveis a seu portador, quer ele seja designado como enunciador ou não.

As tatuagens são, portanto, um pouco as “frases sem palavra” descritas por A. Banfield no campo literário¹⁸, que não têm uma função comunicacional declarada. Mas quais funções lhes atribuir? Funções que colocam o corpo vivo no centro do processo de escritura, a autobiografia e a construção da biosubjetividade.

Todos os testemunhos dos tatuados insistem na dimensão autobiográfica das inscrições corporais, pelas funções das marcas tegumentárias¹⁹ nas civilizações primitivas e antigas. As pesquisas de S. Dupont não fazem exceção à regra:

- Jean: Je le vois comme une sorte de sortie de ce que j'étais avant.

- Cécile: Et puis en fait on avait décidé de se marier très peu de temps avant et euh on s'était dit qu'en fait bah c'était peut-être le moment de se faire le tatouage avant le mariage. (Dupont 2006)

[- Jean: Eu o vejo como um tipo de saída do que eu era antes.

- Cécile: E depois, de fato, nós tínhamos decidido casar pouco tempo antes e euh dizíamos que de fato bah era talvez o momento de fazer a tatuagem antes do casamento.” (DUPONT, 2006)]

]

¹⁸ Os enunciados enunciativamente (des)inscrito por A. Banfield são as narrativas ficcionais em terceira pessoa e aqueles do discurso indireto livre que lhe parecem só levar em consideração a interioridade mental da personagem e não sua presença enunciativa.

¹⁹ N.T.: - Tegumentárias vêm de tegumento, ou seja, “o que cobre o corpo do homem e dos animais (pele, pêlos, penas, escamas).”

“Le tatouage avant le mariage - A tatuagem antes do casamento”: sob a rima espontânea, a função de iniciação, a escansão das idades da vida humana (em algumas civilizações, tatuavam-se as mulheres antes de sua primeira relação sexual). As tatuagens aparecem, portanto, como autobiografemas, sob numerosas variantes, mas com este ponto comum do discurso “de si para si” que ilustra bem as inscrições na boca mencionadas mais acima, assim como as numerosas datas de nascimento e nacionalidades que encontramos freqüentemente (por exemplo: *made in Canada*).

É preciso correlativamente sublinhar a forte dimensão memorial da tatuagem, o que se aproxima de um lugar de memória epidérmica que conserva a lembrança dos seres amados, dos acontecimentos da vida (puberdade, maternidade, casamento etc.), as batalhas livres (para alguns soldados, um corpo-estandarte se orna com o nome das vitórias), os sofrimentos sofridos (a tatuagem dos campos de concentração e prisão, à vocação “prática” para o tatuador, foi dotada pela história de uma função memorial, algumas vezes militante, para o tatuado), mas também de detalhes práticos como o grupo sangüíneo (hábito do SS e ainda de alguns exércitos contemporâneos). Deste ponto de vista, a democratização recente da tatuagem em nossas sociedades é sem dúvida um indicador que não deve ser negligenciado da construção das identidades e da gestão das memórias pessoais e coletivas.

2.3.2 A FUNÇÃO “BIO” DA CORPOGRAFESE (2): BIOSUBJETIVIDADE

Com a idéia de uma “biosubjetividade” (o conceito é de B. Andrieu), podemos explicar que as tatuagens não repousam sobre a comunicação mas sobre a construção corporal, isto é, a modificação do sujeito por um “design biosubjetivo da matéria”:

Être un corps naturel est désormais insuffisant pour être humain. L’identité singulière du corps reçu par la nature fournit dans sa matière des possibilités de normativité nouvelle. Devenir soi-même exige d’être ne traduit qu’un controle de l’apparence corporelle, tandis que la matière d’être résoudrait l’opposition entre objet-sujet en matérialisant la forme choisie par le sujet pour se définir. Le corps humain n’est pas seulement biologique car il produit dans la culture des normes adaptées au vécu de son vivant. (Andrieu 2004a: 342)

[“Ser um corpo natural é atualmente insuficiente para o ser humano. A identidade singular do corpo recebeu da natureza alimento na sua matéria para possibilidades de uma

normatividade nova. Tornar-se si mesmo exige mais que uma simples transformação do corpo natural. A maneira de ser não traduz um controle da aparência corporal, enquanto a matéria do ser resolveria a oposição entre objeto-sujeito materializando a forma da coisa pelo sujeito para se definir. O corpo humano não é somente biológico, pois ele produz na cultura normas adaptadas ao vivido de seu vivente.” (ANDRIEU, 2004a: 342)]

A tatuagem como “matéria do ser” permitiria, portanto, um tornar-se sujeito pelo corpo, ao menos uma nova escrituralidade que inauguraria um outro uso da linguagem: uma corpografia que produz o sentido do sujeito, e não do enunciado, e onde a interação se faz entre o homem e seu ambiente, e não necessariamente entre duas instâncias do discurso. “O homem, sublinha S. Auroux, é antes de tudo uma estrutura biológica (um corpo) que interage com um ambiente e outros corpos. O fenômeno fundamental é a constituição de ferramentas, o que implica a instrumentalização tanto do ambiente quanto do corpo próprio” (AUROUX, 1998: 7). Neste sentido a tatuagem é estritamente dependente de um ambiente cognitivo (no sentido cultural do termo) o que permite ao sujeito a co-construção desta nova (bio)subjetividade.

2.3.3. TATUAGENS SEM FALA (*UNSPEAKABLE TATTOOS*): UM BIOREFERENCIALISMO?

A hipótese da corpografese não comunicacional implica, lembremo-nos, que não há necessariamente o leitor, portanto, um não retorno interpretativo, nem co-enunciação ativa. Des(enunciada), a tatuagem escapa, em certa medida, da subjetividade da linguagem e adquire de fato um poder, não objetivo, mas referencial (para uma síntese completa e problematizada das questões ligadas ao objetivismo e ao referencialismo, e para uma posição referencialista fina em lingüística, ver ACHARD-BAYLE, 2007). Parece-me, com efeito, que a posição “hiper-indexical” (toda forma e linguagem é comunicacional e toda produção verbal se integra em uma troca intersubjetiva), como aquela que sustenta a co-construção da troca verbal, tem tendência a diminuir a função referencial da linguagem: pela hipostasia da função enunciativa, esquecemos a referência²⁰. Porém, a corpografese implica uma linha de continuidade entre as funções pensantes e falantes do espírito e a realidade do corpo e do ambiente exterior. Neste sentido, é um “instrumento”, para tomar o

²⁰ É também a posição de G. Philippe a propósito da narrativa literária (PHILIPPE, 2002).

vocabulário de S. Auroux, de negociação da relação do sujeito com o real biológico, material, social e cultural²¹.

Tradução:
Greciely Cristina da Costa
Marcos Aurélio Barbai

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

N. B.: algumas obras constituem, ao mesmo tempo, obras de referência e de corpus de estudo e estão apresentadas nas duas sessões.

ACHARD-BAYLE, G. “Les réalités conceptuelles et leur ancrage matériel. Les sémantiques cognitives et la question de l’objectivisme”, número spécial de la revue électronique *Corela* (Cognition, Représentation, langage), 2007, “Contextes, discours, cognitions”, en ligne sur <http://revue-corela.org>

ANDRIEU, B. *Le Somaphore. Naissance su sujet biotechnologique*, Liège, Sils Maria, 2003,

_____. “La santé biotechnologique du corps sujet”, *Revue Philosophique de France et de L’Étranger*, “La biologie et ses questionnements philosophiques au début du XIXe siècle”. Paris : PUF, 2004^a, p. 339-344.

_____. , “Somaphore et corps biosubjectif”, *Multitudes* 14, “Philosophie de la biologie”. 2004b p. 59-69.

ANZIEU, D. [1985], *Le moi-peau*. Paris : Dunod, 1995.

ASSOULINE, P. “Marques à vie”, *Le Monde* 2, 8 janvier 2005, p. 17-25.

AUROUX, S. *La Raison, le langage et les normes*, Paris : PUF, 1998.

²¹ Agradeço a Guy Achard-Bayle, Sémir Badir e Pierre Zoberman as sugestões e discussões que têm enriquecido e afirmado minha abordagem nesse trabalho.

BAILLETE, F. “Inscriptions tégumentaires de la loi”, *Quasimodo*, n° 7 (“Modifications corporelles”), Montpellier, 2003, p. 61-88, disponible em ligne sur <http://ww.revue-quasimodo.org>

BANFIELD, A [1982], *Phrases sans parole. Théorie du recit et du style indirect libre*, Paris, Le Seuil, 1995.

BENVENISTE, É. [1946], “Structure des relations de personne dans le verbe”, dans *Problèmes de linguistique générale 1*, Paris : Gallimard, 1966, p. 225-236.

_____. [1956], “La nature des pronoms”, dans *Problèmes de Linguistique générale*, n° 1.. Paris, Gallimard, 1966, p. 79-88.

_____. [1970] “L’appareil formel de l’énonciation”, dans *Problèmes de linguistique générale*, n° 2. Paris : Gallimard, 1974, p. 79-88.

BOREL, F., *Le Vêtement incarné. Les métamorphoses du corps*. Paris : Calmann-Lévy, 1992.

DELAURE, J. et Giraud, R. *Les tatouages du “Milieu”*. Paris : La Roulotte, 1950, avec potfolio de 80 photos (nlle édition: Éditions L’Oiseau de Minerve, 1999).

BRUNO, C. Maître tatoueur, *Tatoués, qui êtes-vous?* Bruxelles : Éditions de Feynerolles, 1970.

CULIOLI, A., 1990-2000, *Pour une linguistique de l’énonciation*, tome 1: “Opérations et représentations”, 2000 [1990]; t. 2: “Formalisation et opérations de repérage”, 1999^a, t.3: “Domaine notionnel”, sans pagination.

DUPONT, S. *Formation de soi et Socialisation. Le tatouage: une forme de biographisation*, mémoire de Máster 2 en Sciences de l’éducation, U. Paris 13, 2006,. Annexe 3: “Entretiens avec des personnes tatouées”, sans pagination.

GILBERT, A. *Propos sur les tatouages*, thèse de doctorat en médecine, université de Politiers, Faculte de médecine et de pharmacie, 1970,.

HUTCHINS, E. [1991]. “Comment le cockpit se souvient de ses vitesses” (trad. How a Cockpit Remembers its Speed”), *Sociologie du travail*, 1994n° 4, p. 461-473.

JACQUES, F. *L’Espace logique de l’interlocution, Dialogiques II*. Paris : PUF, 1985,, coll. “Philosophie d’aujourd’hui”.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *L’Analyse du discours en interaction*. Paris : A. Colin, 2006.

LACASSAGNE, A. *Les Tatouages. Étude anthropologique et médico-légale*. Paris: Librairie J.-B. Baillière et fils, 1881.

LAMER, S.-A. “Graffiti dans la peau. Marquages du corps, identité et rituel”, in *Religiologiques*.1995,, n° 12, p. 149-167.

LE BLOND, A. Dr et LUCAS, A. Dr. *Du tatouage chez ls prostituées*. Paris: Société d’éditions scientifiques, 1899.

LE BRETON, D. *La Sociologie du corps*. Paris : PUF, 1992,.

_____. *Signes d’identité. Tatouages, piercings et autres marques corporelles*. Paris: Métailié, 2002.

_____. [1990], *Anthropologie du corps et Modernité*. Paris: PUF, 2003.

LE CORNEC, F. *Tatouages et Détaouages. Étude historique, technique et psychosociale*, thèse pour le doctorat en médecine. Paris: université Pierre-et-Marie-Curie, 1984.

LUNDY, J.-É. *Rapports du tatouage au Contrat Narcissique dans la Légion Étrangère*, mémoire pour le CES de psychiatrie, université René Descartes, Cochin-Port-Royal, 1989.

MARZANO, M. (dir.) *Dictionnaire du corps*. Paris : PUF, 2007,coll. “Quadrige”.

OUELLET, P. “La désénonciation: les instances de la subjectivité dans le discours scientifique”. *Protée*, 1984, n° 12 (2), p. 43-53.

PAVEAU, M.-A. *Les Prédiscours. Sens, méoire, cognition*. Paris : Presses Sorbonne Nouvelle, 2006.

_____. “Lettres du corps: les tatouages discursifs” communication au colloque *Effets de peau. La peau pour le dire*, IIIe rencontres de Valvert, centre hospitalier Valvert, Marseille, 2007a, juin.

_____. “Discours et cognition. Les prédiscours entre cadres internes et environnement extérieur”, numéro spécial de la revue électronique *Corela* (Cognition, Répresentation, langage), 2007b: “Contextes, discours, cognitions”, en ligne sur <http://revue-corela.org>

PHILIPPE, G. “Présentation”, in *Langue française*. 2000, n° 128, “L’ancrage énonciatif des récits de fiction”, p. 3-8.

_____. “L’appareil formel de l’effacement énonciatif et la pragmatique des textes sans locuteur” dans R. Amossy (dir.), *Pragmatique et Analyse des textes*. Presses Universitaires de Tel-Aviv, 2002, p. 17-34.

PIERRAT, J. ; GUILLON, É. *Les Hommes illustres, le tatouage des origines à nos jours*. Clichy, Larivière, 2000.

_____. *Le Tatouage à Biribi. Les vrais, les durs, les tatoués*. Paris: Larivière, 2004.

POZZUOLI, A. *Tatouages. Une histoire et des histoires, anthologie*. Paris: Les Belles Lettres, 2005.

RABATEL, A. “Stratégies d’effacement énonciatif et posture de surénonciation dans le Dictionnaire philosophique de Comte-Sponville”, in *Langages*, n° 156, , 2004, p. 18-33.

RENAUT, L., “Les tatouages d’Ötzi et la petite chirurgie traditionnelle”, in *L’Anthropologie*, n° 108, 2004, p. 69-105, disponible en ligne sur <www.elsevier.com/locate/anthro>.

SCHEGLOFF, E. “Rethinking Context: Language as an Interactive Phenomenon”, dans A. Duranti et C. Goodwin (dir.) *Another context*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992, p. 191-227.

BRAHIM, *Tatouages en milieu militaire*, thèse pour le doctorat de médecine. Université de Bordeaux-II, 1979.

“Tout savoir sur le tatouage”, in *Tatouage magazine*. Paris : Larivière, 2005.

TENENHAUSS, H., *Le Tatouage à l'adolescence. De la représentation graphique à la représentation psychique: le corps médiateur*. Paris: Bayard, 1995.

VANDEKERCHOVE, L. [2002]. *Le Tatouage. Sociogenèse des normes esthétiques*, trad. Du néerd. J. Poulin. Louvain-La-Neuve: Academia Bruylant, 2005.

VIRON, R., “Éffacement énonciatif” et stratégies discursives”, dans A. Joly et M. Mattia (de) (éds.), in *De la syntaxe à la narratologie énonciative*, Paris, Ophrys, 2001, p. 331-354.

CORPUS

COLETAS IMPRESSAS

Album d'un tatoeur [sic] lyonnais en 1889, recueil de dessins, avec au moins deux mais différentes, Dr Batut médecin de 2e classe, répétiteur à l'école du service de santé militaire de Lyon. Don au laboratoire de médecine légale de la faculté, 13 février 1897 (fonds Lacassagne, bibliothèque municipale de Lyon).

GROGNARD, C. (textes) et Lazi, C. (photos), *Tatouages. Tags à l'âme*. Paris: Syros alternatives, 1992.

KEITH. *Culture et Contre-culture* magazine gratuit, n°3, dossier “Crazy tattoos”, Paris, Who is Keith?. 2007.

LAUTMAN, V. *Tatouage*, New York, Paris et Londres, Abbeville, photos de Vicki Berndt, 1994.

LUNDY, J.-É. *Rapports du tatouages au Contrat Narcissique dans la Légion Étrangère*, mémoire pour le CES de psychiatrie. Cochin-Port-Royal: université René Descartes, 1989.

Match, “Materazzi le provocateur”, 20-26 juillet 2006, p. 46-49.

SALTZ, I. *Body Types*. Intimate Messages Etched in Flesh. New York: HNA, 2006,.

SCHIFFMACHER, H. (dir.) *1000 Tattoos*. Köln: Taschen, 2005,.

_____. et Riemschneider B. (dir.) *Tattoos*. Köln: Taschen, 2001,

Tattoo style. oct.-déc. Mannheim: Huber Verlag, 2006,.

SITES E BANCOS DE IMAGENS *EN LIGNE* (CONSULTADOS EM JULHO DE 2008)

<http://pro.corbis.com> (banque d’images)

<http://www.fotosearch.fr> (banque d’images)

<http://kutub.over-blog.com> (archives du blogue de Mohamed Habibi fermé en 2005
rubrique “Gangs à fleur de peau”)

<http://www.matton.fr> (banque d’image)

<http://www.tattoos.com> (portail du tatouage)

<http://www.corpsenfolie.com>, rubrique ecritures ans lettring (site sur les marquages corporeles)

Data de Recebimento: 19/03/2010
Data de Aprovação: 22/04/2010

Para citar essa obra:

PAVEAU, Marie-Anne. Uma enunciação sem comunicação: As tatuagens escriturais. RUA [online]. 2010, no. 16. Volume 1 - ISSN 1413-2109
Consultada no Portal Labeurb – *Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade*
<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB
Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP
<http://www.labeurb.unicamp.br/>

Endereço:

Rua Caio Graco Prado, 70
Cidade Universitária “Zeferino Vaz” – Barão Geraldo
13083-892 – Campinas-SP – Brasil

Telefone/Fax: (+55 19) 3521-7900

Contato: <http://www.labeurb.unicamp.br/contato>